

# A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM *O AMANTE DE LADY CHATTERLEY*

Acsa Gleicy Tumelini<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo trabalhar a perspectiva feminina e o erotismo em “O Amante de Lady Chatterley”, de D. H. Lawrence. Por ter essa abordagem erótica e retratar a vida de uma mulher que abandonou seus privilégios para ficar com o amante, o livro foi proibido até meados da década de 60, onde em uma intensa e histórica batalha judicial, pode retornar livremente às bancas. A obra, ambientada em uma Inglaterra industrial, pós Primeira Guerra, apresenta a vida de Constance – jovem da elite intelectual inglesa que, após o marido voltar inválido da guerra – passa a questionar seu casamento, o que a torna infeliz. Partindo da premissa de Minha História das Mulheres, de Michelle Perrot, entre outros, o presente artigo busca analisar a representação do feminino, mostrando como a personagem, uma mulher à frente de seu tempo, toma decisões que vão de encontro aos padrões morais, rompendo com o modelo burguês de relacionamento, perspectiva essa que começa a mudar no início do século XX, para ficar junto ao seu amado. É uma obra de transição moral e social, com fluxo narrativo rápido, que traz questões relacionadas ao erotismo e aos costumes que estão ligadas ao subconsciente e à vida cotidiana das personagens, por meio de riqueza na descrição dos detalhes e das relações entre Constance e Mellors. Por meio de uma metodologia crítico-retrospectiva, é possível perceber que, embora a personagem fuja dos padrões femininos esperados, ela não sofre grandes consequências por suas escolhas, diferentes de tantas outras personagens femininas retratadas na Literatura.

**Palavras-chave:** Lady Chatterley, Modernismo inglês, Erotismo, Literatura Inglesa.

## ABSTRACT

This article deals with the feminine perspective and eroticism in “Lady Chatterley’s Lover” by D. H. Lawrence. For having this erotic approach and portraying the life of a woman who abandoned her privileges to be with her lover, the book was forbidden until the mid-60s, where in an intense and historical judicial battle, she can freely return to the stalls. The title, set in an industrial, post-war England, tells the life of Constance - a young intellectual english woman who, after her husband returns disabled from the war - starts to question her marriage, which makes her unhappy. Starting from the premise of My History of Women, by Michelle Perrot, among others, the representation of the feminine is analysed, showing how the character, a woman ahead of her time, makes decisions that challenge moral standards, breaking with the bourgeois model of relationship, to be close to her lover. This perspective only started to change at the beginning of the twentieth century. It is a work of moral and social transition, with a rapid narrative flow, which brings questions related to eroticism and daily life subconscious behaviours, developed through a rich description of the relationships between Constance and Mellors. Using a critical-retrospective methodology, it is possible to perceive that, although the character escapes from the expected feminine patterns, she does not suffer great consequences for her choices, different from so many other feminine characters portrayed in Literature.

**Keywords:** Lady Chatterley, English Modernism, Erotism, English Literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na área “Literatura, Sociedade e Interartes” pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco. E-mail: acsatumelini@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Em muitas sociedades se naturaliza as mulheres serem invisibilizadas e silenciadas, pois é a garantia de um lar harmonioso “Sua fala em público é indecente [...]. Até mesmo o corpo das mulheres amedronta [...]. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros.” (PERROT, 2006, p. 17), pois como dizia Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

No decorrer deste artigo, na perspectiva de se reconhecer como mulher, aceitar os seus desejos e romper com os parâmetros morais impostos pela sociedade, que se busca analisar a personagem Constance Chatterley, na obra “O amante de Lady Chatterley”, de D. H. Lawrence. Além disso, será possível perceber as fases de Constance que, criada em uma família à frente de seu tempo, vive um casamento tradicional e se atém aos afazeres direcionados a uma mulher de sua classe: o cuidado com a casa e do marido, abstendo-se, portanto, de si mesma, para manter a ordem natural das coisas.

Analisa-se a digressão vivenciada por Constance - que a leva a fazer escolhas que fogem a essa ordem natural – as particularidades que fazem com que seja uma personagem a frente de seu tempo e o crescimento desta mulher que se coloca como protagonista de sua própria vida – circunstâncias estas que causaram certo *frenesi* na sociedade inglesa à época a qual a obra foi lançada.

Para essa pesquisa utiliza-se metodologia crítico-retrospectiva baseada em levantamento teórico de autoras e autores que trabalham com a temática do feminino, feminismo, como Perrot (2006), Narvaz (2005), entre outros. A pesquisa é bibliográfica, pois haverá análise histórica do feminino na literatura e a forma como se abordam temas considerados tabus em várias sociedades. Além disso, trechos da obra serão explorados para demonstrar o desenvolvimento de Constance como uma mulher à frente de seu tempo e protagonista de sua própria história.

## “O AMANTE DE LADY CHATTERLEY” E O CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO

A obra “O amante de Lady Chatterley”, de D. H. Lawrence, foi publicada em 1928, porém, há diferentes informações com relação ao país de publicação: na versão de bolso, da Editora Record, de 2007, consta sua publicação, de forma clandestina, na França em 1928.

Entretanto, segundo Janktová “[...] Lawrence had decided to publish his book privately in Italy in 1928, whilst working on an expurgated version for his English publisher [...]” (JANKTOVA, 2015).

Com a iminência da Primeira Guerra, os burgueses passaram a questionar, por meio da literatura modernista, as experiências afetivas e proibidas, provocando a perda de velhas crenças e ruptura com padrões morais à época. Nesse sentido, autores como D. H. Lawrence, “retrataram a Inglaterra nesse momento de transição” (NEPOMUCENO & RAMOS, 2007).

Sobre a mulher do século XIX, pode-se afirmar que esta era livre em casa, onde cumpria seu destino, porém em público perdia sua consciência em função da ideologia machista escravizante. Tal postura parece revelar puramente o medo da ascensão da mulher durante o período vitoriano, o que foi demolido devido a todas as transformações sociais do século XX, principalmente com os movimentos feministas. A mudança dos tempos alterou a natureza e os papéis atribuídos ferrenhamente a homens dominantes e mulheres inexpressivas. (NEPOMUCENO & RAMOS, p. 105)

A obra foi considerada obscena à época e, por isso, sua circulação foi proibida em vários países. Durante esse tempo, versões clandestinas circulavam entre a população até que, após batalha judicial na década de 60, o livro saiu vitorioso e os holofotes voltaram-se à produção. Para Perrot, 2006, “Entre [...] os artistas, uns são mais simbólicos, puramente idealistas, outros são mais reais [...] Isso não impede que a imagem das mulheres seja um mistério, ora escondendo ora revelando [...] as épocas e os artistas”, ou seja, que mesmo ambientada na Inglaterra conservadora do início do século XX, o autor aborda, de forma expressiva, as relações de amor e sexo em um contexto de rompimento das convenções sociais e das relações de classe sem deixar de lado algumas características inerentes à sua época.

## **SER MULHER EM UMA SOCIEDADE COM VALORES PRÉ-ESTABELECIDOS**

Durante muito tempo o papel das mulheres, na sociedade, foi direcionado à criação de filhos e manutenção do lar. Estas não possuíam direitos constituídos, o que lhes mantinha a

mercê de casamentos arranjados e uma vida pronta, pré estabelecida desde seu nascimento, o que “corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las”. Entretanto, a partir do século XIX, “a história torna-se mais científica e profissional. Daria um espaço maior para as mulheres e para as relações entre os sexos? Apenas um pouco maior” (PERROT, 2006, p. 18). Ou seja, algumas pequenas mudanças foram acontecendo no decorrer dos séculos, porém não de forma tão expressiva.

No âmbito do discurso, desde os autores clássicos, a inferioridade feminina está presente. Aristóteles, por exemplo, foi um dos autores gregos que mais destacou a superioridade masculina. Para ele, as relações de dominação/subordinação determinadas pela natureza eram justas e os seres inferiores revelam estas características no corpo e na razão. A inferioridade natural, nas mulheres, se expressa no corpo e “Aristóteles vai sustentar que “a fêmea é um macho mutilado” (Geração dos Animais, II, 3, 737 a). A imperfeição intrínseca à natureza feminina revela-se de maneira especial no ato da procriação.” Além disso, “o nascimento de uma fêmea traduz um fracasso”, o que seria uma consequência falha da própria natureza. (CARVALHO, Maria; CARVALHO, José; CARVALHO, Frederico, 2001, p. 6).

Constance fora criada em uma família de intelectuais “Seu pai fizera nome na Academia Real de Pintura – Sir Malcolm Reid; sua mãe se distinguira entre as mentalidades avançadas no socialismo da época.” (p. 12) ou seja, ela e sua irmã Hilda tiveram “criação estética livre”, o que já ia de encontro aos padrões estabelecidos à época. Foram à Paris, Florença, Roma e Berlim para estudar. Falavam várias línguas e ninguém se impressionava com suas habilidades, visto que o ambiente que circulavam era intelectual “eram a um tempo cosmopolitas e provincianas – do provincianismo cosmopolita que a arte aliada ao idealismo social produz” (p. 13).

As qualidades femininas ligadas à capacidade reprodutiva e à sexualidade, nos mitos clássicos, eram considerados ameaçadoras. Surge, dessa ameaça, o mito de que o Universo foi criado por Zeus, o que encolhe a imagem do poder feminino – como apresentado nos mitos de ‘Hécate’, ‘Bacantes’ e ‘Antígona’ - e enaltece a capacidade reprodutiva masculina (NARVAZ, 2005, p. 14). No âmbito cristão, na primeira Epístola a Timóteo, o apóstolo Paulo aconselha às mulheres a manterem-se em silêncio: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio” (PERROT, 2006, p. 23), o que ressalta a inferioridade feminina e o poder direcionado ao homem.

Além de serem inteligentes e livres, Constance e sua irmã iniciaram no amor aos 18 anos. Hesitaram, a princípio, mas entregaram-se aos prazeres da carne, que para elas “não passava de uma espécie de retorno ao instinto, algo como uma reação” (p. 14). Para Rousseau, as diferenças entre o Homem e a Mulher iam além da anatômica e biológica, mas deveriam influir sobre a moral:

A partir da reflexão sobre as diferenças físicas, Rousseau deduz que as morais masculina e feminina são também completamente distintas: “uma mulher perfeita e um homem perfeito não devem assemelhar-se mais no espírito do que no rosto” (Émile, V, p. 693). O homem é “forte e ativo” e a mulher é “fraca e passiva”; deste fato segue-se que “a mulher é feita especialmente para agradar ao homem e para ser-lhe subjugada”. Quanto ao homem, “seu mérito está na sua força, ele agrada apenas pelo fato de ser forte” (Émile, V, p. 693). (CARVALHO, Maria; CARVALHO, José; CARVALHO, Frederico, 2001, p. 8).

Ou seja, o homem, primeiramente, deve se autodominar e depois dominar a mulher, pois está é regulada pelo sexo e, em razão da sua sexualidade insaciável, ela declina à desordem, o que ameaça a ordem social e política, caso esta não seja submetida ao controle masculino. Esse tipo de discurso perdurou por muitos séculos na sociedade ocidental e é utilizado como justificativa para a exclusão da mulher da vida pública, pois acreditava-se que não desenvolvia a moral necessária para viver em sociedade. Em contrapartida, parafraseando Beauvoir, ser mulher não é natural, não existe um destino biológico que a defina dessa forma, nem a gravidez pode ser considerada como fator de diferenciação, afinal “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, o que comprova que estas análises de autores clássicos corroboraram para o discurso misógino perpetuado até os dias atuais e, também mostra, que uma mulher consciente de seu papel e de sua sexualidade, não se subjugava aos padrões estabelecidos, como se percebe nas relações construídas por Constance e sua irmã Hilda na juventude.

Após o casamento de sua irmã, Constance estreitou laços com um rapaz chamado Clifford Chatterley; “Clifford pertencia a uma classe pouco acima da de Connie. Ela era da *intelligentsia* e ele da aristocracia, não da alta, mas, em todo caso, aristocracia” (p. 16). A relação entre os dois foi se solidificando e Clifford e Constance casaram-se em 1917.

A intimidade dos dois lembrava a de passageiros dum navio que está afundando. Clifford entrou virgem para o casamento,

e não dava grande importância ao lado sexual da união. Havia entre ele e Connie outras tantas afinidades! E ela exultava nessa intimidade para além do sexo – para além da “satisfação” sexual do homem. Clifford tinha o sexo como um simples acidente, uma dessas grosseiras funções orgânicas que persistem apesar de terem perdido a razão de ser. Entretanto, Connie desejava ter filhos – apenas para fortalecer sua posição familiar diante da cunhada. (p. 20)

Interessante observar que Clifford casara-se virgem, o que foge aos padrões estabelecidos à época para um homem. Há uma inversão de papéis moralmente aceitos: o homem casou-se virgem e a mulher não. Constance, criada de maneira livre, decidiu casar-se e adaptar-se a uma vida monogâmica, destinada à manutenção da casa e à criação dos filhos. Talvez tenha tomado a decisão de casar-se por viver no âmbito da Primeira Guerra, para sentir-se segura, ou, genuinamente, para constituir uma família. Além disso, é possível perceber que direcionamento e incentivo à liberdade não faltaram afinal, nas entrelinhas, o casamento fora uma decisão de Constance, não uma imposição familiar, pois “a mãe das meninas, uma inválida nos meses de vida, só desejava uma coisa – que as filhas fossem “livres e realizadas” (p. 15).

Embora o casamento, afinal, tenha sido uma decisão de Constance, não era uma situação comum à época, visto que casamentos monogâmicos visam a manutenção de riquezas, status e longevidade ao sobrenome da família. Como sobrenomes eram e ainda são, um conceito patriarcal, que Connie será chamada de Constance, como uma forma expressar o que sentia, dar voz à personagem, pois os sentimentos e decisões eram tomados por Constance e não por Lady Chatterley – que carregava o peso da monogamia e do sobrenome em si. Portanto, é necessário salientar que:

O casamento monogâmico não foi fruto do amor sexual individual, uma vez que os casamentos eram arranjados por conveniência. A monogamia teria a finalidade de garantir herança aos filhos legítimos. A valorização da virgindade e da fidelidade da mulher, bem como o adultério, a prostituição, o controle sobre a sexualidade e sobre os corpos das mulheres seriam tributários das formas patriarcais e monogâmicas de organização familiar. A família monogâmica criou, ainda, a divisão dos papéis sexuais e, a partir daí, a divisão do trabalho e dos papéis sociais (Engels, 1884/1964; Reich, 1966, 1933/1998; Schelsky, 1968) *apud* (NARVAZ, 2005).

A virgindade e a fidelidade também são considerados valores femininos, visto que a manutenção da virgindade é equivalente à santificação, como por exemplo, Maria, mãe de Jesus. O fato de ser virgem e gerar um filho coloca Jesus em um outro nível e corrobora com o discurso de divindade. O conceito de virgindade não é, necessariamente, cristão. O guardar-se das relações carnavais é encontrado como conceito moral em algumas civilizações antigas o qual o Cristianismo se apoderou e transformou o conceito.

Para Foucault, em sua obra *“As confissões da Carne”*, no segundo capítulo, mostra que, segundo o discurso de Cipriano, a virgindade está ligada à purificação e deve ser praticada como ligação direta com Deus, ou seja, se não violada, esta trará felicidade eterna. É possível, além disso, conectar a virgindade ao conceito de imortalidade, visto que, o fato de não entregar-se ao prazer carnal, garantiria a vida eterna, já que os sujeitos possuem liberdade de escolha e, dessa forma a abstenção da sexualidade o aproximaria do divino. Nesse sentido, é possível perceber que Constance, ao não casar-se virgem, não se coloca como uma mulher angelical, mas vai de encontro ao esperado socialmente; ou seja, consciente de seus desejos e fazendo uso de seu livre-arbítrio.

## **CONSTANCE E SUA VIDA BURGUESA VITORIANA NA INGLATERRA DO INÍCIO DO SÉX. XIX**

Após o casamento, Clifford foi para a Guerra e, de lá, voltou inutilizado. Constance tinha 23 anos e ele 29. Embora em pedaços, “Clifford revelou-se dono de uma incrível tenacidade de viver. Não morreu. A cirurgia juntou seus pedaços num processo de recuperação que durou dois anos” (p. 11 ). A recuperação não foi completa e “Recebida a alta, ele pode retornar à vida, com metade do corpo, da cintura para baixo, paralisada para sempre”. É a partir desse acontecimento trágico onde “temos de viver, seja qual for a extensão do desastre que se abata sobre nós” (p. 11), que o drama na vida de Constance se inicia.

Como Clifford era interiorano, mudaram-se para Wragby, “uma mansão senhorial, de pedra escura, que começou a ser erguida em meados do século XVIII [...] um enorme casarão achatado, sem estilo” (p. 20). Habitada aos morros da Escócia e a Sussex – sua versão da Inglaterra, que Constance:

Abarcou com um olhar o horripilante distrito mineiro, todo ferro e carvão, e onde nem pensar era possível. Do soturno casarão de Wragby ouvia-se o barulho das perfuradeiras nas minas, o paf-paf das máquinas a vapor, o apito das locomotivas e o ranger dos vagões nos trilhos. [...] Nada agradável, portanto, viver ali – mas era o destino. Era a vida – o que fazer? Sob a cortina cinza das nuvens o fogacho rubro dos fornos ardia. No início esse quadro fascinou tragicamente Constance; depois passou a dar-lhe a impressão de estar vivendo debaixo da terra. Acostumou-se por fim – como se acostumara à chuva pelas manhãs. (p. 21)

Viver isolada em um castelo antigo, sem contato externo – salvo alguns amigos que os visitavam – e sem contato íntimo com o marido, levou Constance à inércia e depois a inquietação.

Mas a inquietação de Constance era crescente. Aquele isolamento de tudo quase a enlouquecia. Sentia tiques pelo corpo que não a deixavam estar tranquila, e tamanho mal-estar que às vezes se lançava a nado na piscina, como para libertar-se de qualquer coisa. Seu coração palpitava sem motivo. Começou a emagrecer. Inquietação apenas. Frequentemente atravessava correndo o parque abandonando Clifford, e deitava-se de bruços na grama. (p. 28)

Essa inquietação inicial, esses tiques e palpitações podem ser indícios de que faltava vitalidade para Constance, vitalidade sexual, pois “perdera qualquer contato com o que havia de substancial ou vital no mundo” (p. 30). Outras personagens, como Lenita, da obra “A Carne”, de Júlio Ribeiro tiveram pequenos surtos por falta de contato sexual.

Uma languidez crescente, um esgotamento de forças, uma prostração quase completa ia-se apoderando de todo o seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo. [...] Não podia comer, tinha um fastio desolador, cortado por desejos violentos de coisas salgadas, de coisas extravagantes. Sobrevieram-lhe salivações constantes, vômitos biliosos quase incoercíveis. *A Carne*, Júlio Ribeiro, (p. 27)

Percebendo a inquietação de Constance, seu pai lhe aconselhou a arrumar um amante. Naquele inverno, um amigo de Clifford, Michaelis passou a frequentar a casa e ficou alguns dias por lá: foi seu primeiro amante, “um amante muito delicado, terno” (p. 35). Além disso, “Seu tipo despertava em Constance uma espécie de enternecimento compassivo, e também um desejo selvagem. Desejo que não satisfazia. Tinha o coito muito rápido, acabava depressa e abandonava-se sobre seus seios, deixando-a desapontada” (p. 39). Como era uma mulher à frente de seu tempo e não havia se casado virgem, Constance conhecia seu corpo e sabia como ter prazer:

Constance, entretanto, logo aprendeu o modo de conservá-lo dentro de si mesma depois do orgasmo. E nisso Mick mostrou-se generoso e de forte potência; deixava-se ficar dentro dela, oferecia-se inteiramente, enquanto Connie, assumindo a iniciativa, trabalhava apaixonadamente até alcançar o clímax. E, ao vê-la atingindo a satisfação orgástica sobre sua passividade ereta, sentia um curioso orgulhoso. (p. 39)

Com o passar do tempo, passou a sentir que a relação com Michaelis não iria a lugar nenhum, mesmo que Clifford não lhe correspondesse como homem, ele ocupava boa parte de sua vida. Clifford, por várias vezes, comentou que gostaria de ter um filho e que Constance poderia engravidar em uma de suas viagens e ele criaria como legítimo herdeiro, a fim de manter a linhagem e sobrenome da família.

Seria desejável que você tivesse um filho de outro homem – retrucou ele. - Se o criássemos em Wragby, esse filho nos pertenceria, a nós e à terra. Não dou grande importância à paternidade. Se criássemos a criança, seria nossa ... nos daria continuidade. Seria isso irrealizável? [...] Haja o que houver, você e eu somos casados. Temos o hábito um do outro. E o hábito, a meu ver, é de uma importância mais vital do que qualquer excitação passageira. [...] Você e eu estamos unidos pelo casamento. Se mantivermos o essencial, parece que podemos encontrar um meio de resolver a questão do sexo: não será mais difícil que ir ao dentista [...]”. (p. 57 e 58).

Certa tarde, algum tempo depois desse pequeno caso com Michaelis, Clifford e Constance estavam caminhando pela propriedade quando se depararam com o guarda-caça,

Mellors, que “era de estatura mediana, um tanto magro, ar discreto.”. Ao cumprimentá-la, “Quase a intimidava”. Os dias foram passando e, apesar da conversa sobre o filho ilegítimo, tudo permanecia igual.

A alma de Constance ia sendo dominada por um medo interior, um vácuo, uma indiferença por tudo na vida. Nos seus bons momentos, ele [Clifford] conversava com ânimo e pensava no futuro – como durante o passeio em que lhe falara do filho e herdeiro. Mas já no dia seguinte todas aquelas ideias não passavam de folhas mortas, sem significação. Não eram folhas verdes de árvore da vida, e sim meros restos secos que o vento leva. Tudo parecia sem qualquer significado. (p. 65)

Num dia chuvoso, Clifford necessitava entregar um recado ao guarda-caça, mas o mensageiro estava gripado. Constance se ofereceu para entregar a mensagem. Chegando à cabana em que morava, não encontrou ninguém. Então “Contornou a casa. Na parte detrás, o terreno se elevava numa encosta, de modo que o pequeno quintal ficava afundado, e fechado por um muro de pedra.” (p. 85), e se deparou com o empregado tomando banho. “Tinha o tronco nu; o culote de veludo, desabotoado, descia-lhe pelas cadeiras finas. Suas costas muito brancas curvavam-se sobre uma bacia de água espumarenta” (p. 85). Entretanto, ao se deparar com tal cena “sentia-se, sem saber por quê, vivamente emocionada [...] como se houvesse recebido uma pancada no meio do corpo” (p. 85). A partir desse momento sua percepção sobre Mellors mudaria.

Ao chegar em casa, foi ao seu quarto observar seu corpo. Era “um corpo que ia perdendo significação, tornando-se pesado, opaco. [...] Que esperança poderia acalantar? Estava velha, velha aos 27 anos, sem brilho, sem faísca na carne.”. A frustração com seu corpo fez com que seu ressentimento para com Clifford – que esperava com naturalidade que ela o servisse – foi aumentando. Além disso, a necessidade de sexo era latente, “Porque a fêmea nela subsistente nunca fora tomada por nenhum homem. Os que a amaram, amaram-lhe a personalidade, não a fêmea – que cruelmente desprezaram ou ignoraram. Os homens cortejavam Lady Chatterley, mas desdenhavam o seu sexo” (p. 151), ou seja, ela era vista como a esposa perfeita, dedicada ao lar e que tinha somente olhos para o marido, afinal “Até mesmo o corpo das mulheres amedronta.” (PERROT, 2006, p. 17), e estas devem ser elevadas a esse status de pureza angelical.

## A ESCOLHA FEMININA REPRESENTADA NA OBRA DE LAWRENCE

No decorrer da obra de Lawrence se apresentam algumas críticas à sociedade da época, como a liberdade feminina. Além disso, é possível perceber, também, que ele defende o instinto como algo que não se pode controlar por meio das convenções sociais. Já aqueles que declinam aos seus desejos, como na obra *Madame Bovary*, de Flaubert, desencadeiam em situações desastrosas e, muitas vezes, irreversíveis, como o suicídio, no caso de Emma.

A relação de Constance e Mellors iniciou de forma leviana, impulsionada pelo desejo, carregava maior intensidade do que a que tivera com Michaelis. Ao se deitar com o guarda-caça, Connie se redescobre como mulher e descobre seu erotismo, a vitalidade que lhe faltava:

Constance ficou estendida, completamente imóvel, numa espécie de sono. Estremeceu ao sentir a mão suave que, hesitantemente desajeitada, sem metia entre suas roupas. Mão que soube despi-la como convinha. Sua leve calça de seda foi descida até os tornozelos. Depois, com um frêmito intenso de prazer, aquele homem tocou em seu corpo macio e lhe arrepiou o ventre com um beijo. Ia entrar, ia penetrar nela, na paz que era o seu corpo suave e imóvel. Foi o momento de paz perfeita essa penetração em corpo de mulher. (p. 145)

Mellors sabia como tocá-la e exaltava as suas qualidades de mulher, a sua pele, o seu corpo:

- Ah, como é bom apalpá-la! – disse lhe ele acariciando-lhe com as mãos a pele delicada, quente, secreta, da cintura e das ancas. Baixando a cabeça, esfregou o rosto em seu ventre e nas coxas, insistente. E, ainda uma vez, Constance espantou-se dessa espécie de arrebatamento que o empolgava. Não percebia a beleza que aquele homem achava nela ao tocar o seu corpo nu. Só a paixão compreende isso. Quando está morta a paixão ou não existe, o magnífico choque que a beleza produz, torna-se incompreensível – e até um tanto desprezível. Constance sentia nas coxas, no ventre, nas nádegas a doce esfregação do rosto daquele homem, a aspereza dos seus bigodes; e seus joelhos puseram-se a tremer. Longe, muito longe, no fundo de si mesma, ela sentiu palpitar qualquer coisa de novo, como o emergir duma beleza nova. E quase teve medo. Quase não desejou que a acariciasse assim. Sentia-

se empolgada, agarrada. E, entretanto esperava, esperava. E quando ele a penetrou, num deleite de pura paz, continuou a esperar. Sentia-se como posta de lado - e em parte por culpa sua. Sempre quis a separação do gozo - e talvez agora estivesse condenada a isso... E permaneceu imóvel, sentido os movimentos do macho dentro de si, a concentração e, depois, o súbito espasmo que a inundou de sêmen.” (p. 155 e 156)

Algo havia mudado em Constance após a relação com Mellors. Além de despertar o erotismo de Constance, o seu lado feminino e a fazer renascer como mulher, ele era apaixonado “Entretanto, mesmo pensando assim, Mellors a apaziguava e reconfortava. E, depois, era apaixonado – são e apaixonado.”, o que para ela era significativo.

Como o erotismo e a sexualidade são temas considerados tabu até mesmo na contemporaneidade, percebe-se que um dos motivos de o livro ter sido proibido até a década de 60, é justamente esse tema, o qual Lawrence tem a sensibilidade de explorar, de forma detalhada, as relações sexuais entre Constance e Mellors.

Mellors penetrou-a e ficou parado dentro dela, túrgido e palpitante, até perceber o começo do orgasmo de Constance – e não ritmou os movimentos de vaivém. Frementes, como o palpitar de uma leve chama, leve e macia como pluma, as entranhas de Constance começaram a derreter-se lá dentro. Era como o som de um sino que, de vibração em vibração, sobe do vago ao apogeu. E Lady Chatterley não teve consciência dos gemidos e gritinhos selvagens – que deu até o fim. (p. 165)

O erotismo, ainda, vai além da simples narrativa sexual, mas está atrelado às questões do ser social e, não é, necessariamente, a narrativa do coito que faz com que a obra seja considerada erótica, mas a forma como se direciona esse tipo de linguagem de forma subjetiva:

As obras (literárias que), a partir do sexo, abordam outros motivos e, por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual são consideradas eróticas, literárias. Isso nos remete mais um vez a Georges Bataille com sua definição da experiência erótica como transcendência da experiência sexual rudimentar, animal. (BRANCO, 1985, p. 18)

Historicamente, as variadas sociedades forjaram padrões de consciência e ordem moral coletivos, o que assegurou a manutenção das mesmas. Ao construir uma consciência coletiva, alguns padrões de comportamento eram direcionados aos homens e às mulheres, tais como o enaltecimento da família e do matrimônio, o que limitava a prática sexual ao casamento. Sabe-se que, a gravidez fora do casamento, para uma mulher, desencadeava em fortes represálias. Entretanto, no decorrer do relacionamento, Constance se apaixonou por Mellors e engravida.

“- Falei a Clifford que talvez eu tenha um filho./ Mellors encarou-a com intensa curiosidade. / - Disse-lhe? E qual foi a resposta? / - Oh! Isso lhe é indiferente, e até ficaria satisfeito se o filho for considerado como sendo dele. (p. 207)

Ou seja, a gravidez era algo esperado por Clifford, já que almejava um filho para manter sua linhagem. Após a conversa com Mellors, Constance informa a Clifford da viagem que faria a Itália e, mais uma vez, vai de encontro ao que se espera de uma mulher, quando propõe ao guarda-caças que fujam juntos.

Constance andava impacientíssima pela hora de abandoná-lo de vez. Só esperava o tempo em que ela e ele estivessem maduros para isso. Conversou com Mellors sobre a viagem. - Quando regressar, posso dizer a Clifford que vou deixá-lo. E sumiremos nós dois. Ninguém precisa saber que sumi com você. Podemos morar em outro país, o que acha? Na África, ou na Austrália, que tal? (p. 267)

Na viagem, entretanto, apesar das belas paisagens que se apresentavam ao seu redor, Constance sentia saudades de Wragby. “Por que motivo nada mais me interessa? Nem a paisagem! [...] Sim, ela não achava nada vital, nem na França, na Suíça, no Tirol ou na Itália.” (p. 317). Duas semanas haviam se passado em Veneza e, entre elas, algumas trocas de cartas entre Clifford e Constance e bilhetes - entregues pela enfermeira que cuidava de Clifford - entre Mellors e Constance.

Numa dessas cartas, Mellors informa a Constance que sairá da propriedade “Irei a Londres, para a minha antiga pensão, na casa de Mrs. Igner, Coburg Square 17, onde espero encontrar quarto” (p. 336). Tal decisão foi tomada pois a ex-mulher do guarda-caça retornou à

Wragby fazendo escândalos, além disso, o nome de Constance estava atrelado às fofocas, o que estava causando desconforto a Clifford, “Assim, em Tevershall seu nome andava ligado ao do guarda-caça! Horrível mistura! Mas breve tudo estaria acabado.” (p. 337).

Os companheiros de Constance na viagem eram seu pai, Sir Malcom e Hilda, sua irmã. Connie, após receber a carta de Mellors, decidiu que abandonaria Veneza no mesmo dia que ele abandonaria Wragby, no sábado: “Chegaria segunda-feira a Londres, onde o veria. Escreveu-lhe para o endereço dado, pedindo-lhe para mandar carta ao Hotel Hartland e vir vê-la nesse mesmo dia à noite, por volta das sete horas.” (p. 338). Aqui vê-se uma mulher decidida a abandonar suas garantias – seu sobrenome, fortuna, segurança –, já que “Constance, que pertencia à classe rica [...]” (p. 193) para iniciar uma relação com seu amante, um guarda-caças, que pertencia “à primitiva condição de operário [...]” (p. 176) e que era “pobre e miserável” (p. 176).

Na viagem de volta à Londres, em uma conversa com seu pai, Constance revela o caso e, também, lhe diz que está grávida. Sir Malcom a aconselha, dizendo-lhe “- Espero que você tenha escolhido um homem de verdade [...] - Sim, foi o que se deu... e aí está o embaraço. Porque não há muitos homens de verdade na nossa classe” (p. 340). Aqui, Connie mostra a repulsa que tem com relação aos homens de sua classe, visto que, como dito anteriormente, só a viam como um enfeite, não dando a devida atenção aos seus desejos de mulher.

Chegando a Londres, Constance encontra Mellors no lugar combinado e conversam sobre sua gravidez. O guarda-caça pergunta, de forma clara, “Que prefere?” (p. 343), incentivando-a a decidir se voltaria à Wragby e teria seu filho com o sobrenome Chatterley, ou se ficaria com ele, mesmo sabendo de todas as privações que viria a sofrer. “Oh! Viver com você, só isso - [...] / - Vai perder muito. Eu não tenho nada a lhe dar. [...] / - Tem a dar-me mais que qualquer outro homem.” (p. 343).

Ainda, é perceptível que o que mais preocupava Mellors eram as condições sociais e a diferença monetária que havia entre ambos “Então, por que tem medo de mim? [...] / - É o dinheiro que me amedronta, e a sua situação social! A sociedade que há dentro de você.” (p. 345). Constance, movida pela necessidade de sentir-se viva, não aparenta sentir preocupação com a situação, visto que para ela era simples, pois só desejava viver com o pai de seu filho, o homem que amava e que a fazia sentir-se mulher.

Constance, decidida a separar-se, escreve uma carta a Clifford. “Caro Clifford: Creio que o que foi previsto vai realizar-se. Amo outro homem e espero que você concorde com o divórcio. [...] Perdoe-me e requeira o divórcio – e case com outra melhor que eu. Não sou a

mulher que você precisa; muito impaciente, muito egoísta.” (p. 359). Nesse momento, Connie, acentuando seus defeitos, mostra que, socialmente, uma mulher que busca seguir suas vontades, não se submetendo ao papel de mulher burguesa que lhe era determinado, “As burguesas[...] casadas com industriais, são muito apegadas ao espaço da casa;”, e além disso, são “católicas em sua maioria, constroem uma vida cotidiana ativa e uma mística feminina em torno da função materna e de dona-de-casa.” (PERROT, 2006), sofre algum tipo de represália.

O egoísmo de Clifford não lhe permitiu aceitar o divórcio; “- Mas você não compreende, Clifford! É preciso que eu viva com o homem que amo. [...] / - Sim! O homem que eu realmente amo... ah! Como vai odiar-me! É Mellors, o ex-guarda-caça.” (p. 368). E, ao descobrir que o filho que Constance espera é de um plebeu, fica horrorizado, nivelando-a de forma baixa e vulgar.

- Lama! Aquele vagabundo pretensioso! Aquele miserável! Dizer que minha mulher teve relações com ele quando era meu criado! Meu Deus, meu Deus, será que não tem fundo a ignóbil baixaza das mulheres? [...] / - É como eu sempre a imaginei: uma criatura anormal. Não passa de uma dessas mulheres pervertidas e meio loucas que não resistem à tentação de correr atrás do depravado. Que têm a nostalgia da lama.” (p. 368 e 369)

Nesse sentido, segundo Rios:

Por essas passagens observa-se que ele subitamente assume os valores da moralidade vitoriana. Via nela a encarnação do mal, enquanto ele personificava o bem. Nesse relato observa-se em concordância a afirmação de Steans, de que a divisão de classes se baseava em padrões sexuais<sup>55</sup>: o pobre era malvisto por conta da sua frouxidão moral, era um “depravado”. Clifford também designa Connie de anormal, pois ela não ter administrado os seus impulsos, por não ter que buscar seu prazer com alguém que não é da sua classe, a “nostalgia da lama”. Por ela não ter mantida a máscara da esposa virtuosa e ter assumido a caricatura da puta libidinosa, por ser uma adúltera descuidada por não ter administrado seus sentimento e se apaixonado por um homem desqualificado. (RIOS, 2011, p. 394)

Após relutar muito, Clifford aceitou o divórcio e Constance foi viver com sua irmã na Escócia. Deveria manter-se afastada de Mellors por um tempo, para que este também obtivesse o divórcio de seu primeiro casamento. Esperançoso, o guarda-caça escreve uma carta à amada, finalizando-a assim: “Estamos reunidos por uma grande parte de nós mesmos. Temos de ficar firmes e nos prepararmos para o próximo encontro” (p. 376).

Lawrence, ao finalizar a obra, influenciado pelos movimentos feministas e disruptivos que aconteciam na Inglaterra da Rainha Vitória, apresenta um novo desfecho para uma personagem mulher, diferente daqueles apresentados em outros clássicos, como já citado, Madame Bovary. Constance conseguirá, sem grandes conseqüências, aquilo que almeja: ter seu filho e viver com o homem que ama. Não viveria mais um casamento pautado no modelo burguês, mas sim, uma relação atrelada aos sentimentos, o que era novidade no início do século XX:

Embora o casamento burguês tivesse em sua mais severa privacidade a valorização sexual, sentida tanto por homens quanto por mulheres, a idealização do amor romântico lhes parecia inadequada, já que a união consistia, até aquele momento em encontrar um companheiro que estivesse compatível com o casamento malthusiano, proposto por Alan Macfarlane. Nisso estava outra mudança na ética afetivo-moral do novo século. Segundo Gay, para um número cada vez mais crescente, a tendência à simpatia amorosa tornava-se fator relevante na escolha do companheiro. Mesmo com alguns avanços, o lucro ainda andava segundo as regras capitalistas de cujos resquícios ainda vivemos. O que mudou com o fim do século XIX é que a afetividade amorosa passou a ser relevante na escolha do companheiro. (NEPOMUCENO & RAMOS, 2010, p. 106)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber, no decorrer da obra, que a personagem Constance foi criada de forma livre e à frente de seu tempo e, até mesmo durante seu matrimônio, a subjugação a qual se colocou, mantendo-se ao lado do marido após o acidente de guerra, foi sua decisão. Ao permanecer em um casamento de aparências ela se deprime. Seu marido, Clifford, ainda quer

um filho, mesmo que este seja de outro homem. Constance chega ao seu limite e, por isso, ao se apaixonar pelo guarda-caça, decide divorciar-se para viver ao lado do homem que ama e, juntos, criarem seu filho.

Destaca-se também que, diferente de muitas personagens femininas conhecidas, tais como Emma, de “*Madame Bovary*”, Lenina, de “*A Carne*”, ou Magdá, de “*O Homem*”, Constance não tem um final trágico, como o suicídio ou a loucura, pois faz parte de uma sociedade que, embora tradicional e rígida, está passando por mudanças incentivadas pelos movimentos feministas e de classe. Ela, então, tem a possibilidade de divorciar-se do marido e ainda – embora queira se casar com um homem de uma classe abaixo da sua – com o apoio de seus familiares, une-se a Mellors.

O fato de a obra ser proibida até meados da década de 60 e, até hoje, causar certo frenesi, mostra que ainda vive-se em uma sociedade cerceada pela moral e pelos costumes. A narrativa é carregada de simbolismos e críticas à sociedade burguesa. Nesse sentido, este artigo desenvolveu sua análise relacionando o feminino na literatura, extraiu trechos da obra para comprovar o crescimento da personagem e, ainda, explorou temas considerados tabu na sociedade, como a traição feminina. Além disso, mostra que é uma obra transgressora pois coloca a mulher como personagem principal de sua própria história: uma mulher cheia de desejos e de vida, que toma decisões e encara as consequências até o fim, sem medo.

## REFERÊNCIAS

- BRANCO, Lucia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- CARVALHO, Maria da Penha; CARVALHO, José Luis; CARVALHO, Frederico Antonio. *O Ponto de Vista Feminino na Reflexão Ética: Histórico e Implicações para a Teoria de Organizações*. Maringá: ANPAD, 2001.
- JANKTOVÁ, Renata. *Reshaping Meanings: D. H. Lawrence and the ‘Lady Chatterley Trial’ in A. S. Byatt’s Babel Tower*. Brno Studies in English, Ed. 41, 2015.
- LAWRENCE, D.H. *O Amante de Lady Chatterley*. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Editora Record, 2007.
- NARVAZ, Martha Giudice. *Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. Porto Alegre: UFRS, 2005.
- NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. *Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista*. Pato de Minas: Revista Perquirere, 2010.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2006.

- RIBEIRO, Cecília Rodrigues. *As confissões da carne: o trabalho póstumo de Foucault*. Salvador: Caderno CHR, 2015.
- Ribeiro, Júlio. (1972). *A Carne*. São Paulo: Editora Três. (Original publicado em 1888).
- RIOS, Gabriel Valença. *O Amante de Lady Chatterley e o erotismo na sociedade vitoriana do início do século XX*. UFPE, 2011.
- XAVIER, Márcia Cristina. AZEREDO, Cristina. *O Erotismo e o Feminino*. São Paulo: ABRALIC, 2008.